

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. 51003462

TERRA É VIDA

Semana do Índio 1984
CNBB/CIMI

Ilustrações de Maurílio Barcelos

**Capa — foto: Cláudia Andujar
arte: Mascaro & Matsuo Arquitetos**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
I – REFLEXÃO SOBRE A TERRA – VIDA PARA OS POVÓS INDÍGENAS (Texto Base)	11
II – REUNIDOS EM TORNO DA PALAVRA DE VIDA, ACEITANDO UM DESAFIO (Temas para reuniões de grupos)	27
III – ALGUNS CONFLITOS EM ÁREAS INDÍGENAS (mapa com breve explicação)	39
IV – PARA QUE TODOS TENHAM VIDA (roteiro para a celebração litúrgica)	45
INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	49

APRESENTAÇÃO

Neste ano de intensa reflexão sobre a VIDA, a preocupação maior é com as pessoas, grupos e populações mais vulneráveis às violências estruturais que desfiguram os rostos e suprimem a existência de tantos dos nossos irmãos.

Os fatos que vêm sucedendo sistematicamente ao longo da história ligam-se aos mais recentes, evidenciando a contínua negação ao direito à VIDA, particularmente aos Povos Indígenas.

Os funestos acontecimentos ocorridos em diversas regiões do País envolvendo populações indígenas, atestam a permanência e o agravamento dos problemas, sobretudo ocasionados por falta de espaço e de terra para que possam ter VIDA digna.

PARA QUE TODOS TENHAM VIDA, é um forte apelo evangélico que se transforma em gesto de solidariedade.

Solidarizar-se com os povos indígenas é, antes de mais nada, reconhecer e assegurar-lhes o direito ao uso da terra, elemento indispensável à sua sobrevivência.

É com tristeza que examinamos os males que em nosso meio privam os índios, os negros, os camponeses e os operários da possibilidade de seus direitos fundamentais e da plenitude de VIDA humana.

A terra é dom de Deus aos homens para que todos possam ter VIDA. No entanto o egoísmo e a injusta apropriação deste bem comum, têm gerado violência e extermínio dos mais fracos.

Este texto, preparado pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI, reflete a preocupação e o testemunho daqueles que no dia-a-dia têm vivenciado o sofrimento das crianças, a angústia das mulheres e a desorientação dos homens indígenas, conseqüência da trágica situação a que estão submetidos.

Apesar de tudo, eles se nutrem de esperança.

Portanto, mais que um simples texto, estamos diante de um apelo que, partindo de Deus que é sensível aos sofrimentos dos pobres, envolve a todos nós que embora convivendo com as mais atrozes violências, jamais nos cansamos de lutar pela defesa da VIDA e pelos direitos dos Povos.

No centro da missão evangelizadora, está a proclamação da VIDA e a denúncia de todo mecanismo que a destrói.

A Igreja do Brasil, atenta e solidária aos anseios dos Povos Indígenas, vem com grande esperança apelar para todos os setores da sociedade, e sobretudo às autoridades, para que com boa vontade e com espírito humanístico-cristão compreendam que, para todos os empobrecidos e, em especial, para os Povos Indígenas — TERRA É VIDA.

Auguramos, pois, que estes subsídios sejam de grande utilidade nos grupos de reflexão, nos círculos bíblicos, nas escolas, enfim em todos aqueles espaços criados por pessoas que, no testemunho de sua vocação cristã, estão comprometidos com a defesa e a promoção da VIDA.

Brasília, 4 de novembro de 1983

D. Luciano Mendes de Almeida
Secretário Geral da CNBB



"EU SIRVO ATÉ DE ADUBO PARA NOSSA TERRA
MAS DELA NÃO SAIO"

Índio Pataxó Hã-Hã-Hãe

I – REFLEXÃO SOBRE A TERRA – VIDA PARA OS POVOS INDÍGENAS

INTRODUÇÃO

1 – TERRICÍDIO

2 – TERRA, ESPAÇO TEOLÓGICO

3 – TERRA E POLÍTICA

INDIGENISTA OFICIAL

APELO

TERRA É VIDA

INTRODUÇÃO

Há dez anos, em 1973, a Lei nº 6001 (Estatuto do Índio) prometia fazer, no prazo de cinco anos, a demarcação das terras indígenas ainda não demarcadas. Estamos em 1984 e dez anos se passaram sem que isso se tornasse realidade, gerando conflitos e prolongando criminosamente o extermínio dos Povos Indígenas pela invasão de suas terras.

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) através do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), já pelo terceiro ano consecutivo, convoca a população brasileira a refletir e a se posicionar em face do destino dos 220 mil índios que, por sua resistência, ainda sobrevivem ao extermínio e à violência. E, pela terceira vez, centraliza a nossa atenção em torno do grave problema da TERRA:

- 1982 – Paz e Terra para os Povos Indígenas
- 1983 – Terra sim, violência não
- 1984 – **TERRA É VIDA**

Esta Semana do Índio de 1984 é pois um momento forte para uma tomada de consciência a respeito da situação em que se encontram esses Povos no Brasil e na América Latina:

“Que todos tenham vida em abundância” está sendo o desejo da Campanha da Fraternidade deste corrente ano. Para os Povos Indígenas, essa vida em abundância só será possível com a garantia de suas terras.

TERRA É VIDA torna-se, pois, um tema de reflexão urgente e prioritário para todo aquele que pretenda comprometer-se com a justiça e com a defesa dos direitos humanos.

Somos todos nós os ouvintes dessa mensagem. Dela ninguém fica excluído. O clamor dos Povos Indígenas se mistura à angústia dos pequenos agricultores, dos posseiros rurais e também dos operários urbanos que lutam por seu pedaço de chão.

Impõe-se com urgência uma Reforma Agrária para que todos tenham vida e vida em abundância.

Para os Povos Indígenas, no entanto, o problema é mais complexo e mais urgente, visto tratar-se de Povos de culturas diferentes da nossa, de Povos-minoria, encarados como estorvo ao progresso capitalista e ao “desenvolvimento” nacional e por isso, condenados à extinção.

Para esses Povos, a **TERRA É VIDA** radicalmente, o que não acontece para nós brancos, que somos capazes de encarar a terra como objeto de mercadoria e de lucro, e não como chão sagrado, origem e sustento da vida.

1 – TERRICÍDIO

Destruição de um povo pela
usurpação de suas terras

Eu sou representante daquele torrãozinho de terra aonde eu nasci.

Queremos terra e não dinheiro.

Esse convênio da Funai é um caso que vai fazer cair costumes, tradição, idioma, para depois ficar mais fácil do índio aceitar a colonização da terra. Com terra não se brinca!

Por isso que hoje, de parte a parte, o índio está enxergando o sofrimento.

É um grito de lado a lado para bem do seu direito. É um direito de exigir justiça, trazer pra nossos pés o que é nosso.

Vamos aproveitar que já temos na luta muitos irmãos, meus patrícios, meu sangue.

Vamos lutar em todo o Brasil, que esse Brasil, isso tudo era nosso.

Quanto índio foi atordado nas mãos dos intrusos!

Quanta família foi tratada com abuso!

Quanto índio já verteu seu sangue por sua terra, em Nonoai!

O índio está em cima do que é dele.

Deixa o índio na sua terra!

Juvêncio Paulo Farias, índio Kaingang
(Xanxerê, Santa Catarina)

Oprimidos pelo poder, **comprimidos** em seu espaço territorial, os Povos Indígenas estão sendo premeditadamente **suprimidos** como pessoas físicas e como nações.

São diversas as formas de extermínio:

– falamos em genocídio – destruição física;

— falamos em etnocídio — destruição cultural.

Podemos igualmente falar em terricídio — a destruição de um povo pelo atentado contra suas terras, pela usurpação de seu território de origem, pela invasão de seu espaço geográfico.

O índio sem terra, o índio transferido para outra terra que não a de origem, o índio relegado a um espaço territorial diminuído, **desterrado**, sente-se cada vez mais um ser pressionado, **aterrado** pela agressividade do nosso mundo. Aos poucos, ele vai sendo massacrado, **soterrado**, até ser realmente **enterrado**, ou seja, eliminado por um sistema capitalista prepotente e ganancioso.

Essa política terricida não leva em consideração que, para o índio, perder a terra e sua posse comunitária equivale a perder:

- a fonte de economia;
- as condições de saúde;
- o espaço social;
- a seiva cultural;
- a configuração histórica;
- o eixo da religião.

E, mais ainda, a perspectiva que poderíamos chamar de utópica e até escatológica, ou seja, a esperança de viver.



2 – TERRA, ESPAÇO TEOLÓGICO

A terra para o índio “é seu chão cultural, habitada por suas tradições, referência básica dos seus valores vitais, preñe de mitos, campo de sua história” (Paulo Suess, *Porantim* n.º 16, março 1980, p. 8).

O relacionamento índio-terra é muito parecido com o relacionamento do povo hebraico da Bíblia com sua terra, e muito diferente do nosso.

A promessa de Javé a Abraão é ligada à terra (Gn 12, 1-5).

O povo hebreu saiu do Egito rumo à terra prometida (Ex 6,4).

Moisés morre olhando para a terra que Deus destinou ao seu povo. (Dt 34, 1-5).

As festas religiosas seguem harmoniosamente o ciclo anual da terra. O ano sabático e o Jubileu visam também a restituição das terras (Lv 25). A exploração e roubo da terra do pobre é um grave pecado contra Deus (1 Rs 21). A infidelidade do povo é punida com a perda da terra pela invasão dos inimigos (Jr 15, 1-9).

Para o povo hebreu, a Palestina não é igual às outras terras, porque é a terra da Promessa, do Templo, de Jerusalém.

Fora daquela terra era impossível celebrar a liturgia, as festas e até mesmo cantar um dos cânticos de Sião (2 Rs 5, 17).

A terra é a Bíblia do índio, porque é o chão de sua história, de sua cultura, de sua coesão, de sua sobrevivência. A terra não é propriedade particular. Não se compra, não se vende. Nela se vive.

A palavra do Cacique Seathe, do povo Duwamish, da América do Norte, pode ajudar-nos a compreender mais. São trechos de uma carta escrita em 1855 ao Presidente americano Franklin, depois que o governo dos Estados Unidos deu a entender que pretendia comprar o território daquele povo:

Como podes comprar o céu, o calor da terra?

Tal idéia nos é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água. Como podes então comprá-los de nós? . . .

Toda esta terra é sagrada para meu povo.

Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo aquilo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga e, depois de sugá-la, ele vai embora. . .

Sua ganância empobrece a terra e vai deixar atrás de si os desertos. . .

Uma coisa sabemos que o homem branco talvez venha um dia a descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus.

Julgas talvez que O podes possuir da mesma maneira como desejas possuir nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira. E quer bem igualmente ao índio como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu Criador. . .

Nós amamos a terra como um recém-nascido ama o berço do coração de sua mãe. . .

O nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele.



3 – TERRA E POLÍTICA INDIGENISTA OFICIAL

A causa é a defesa da nossa terra: a terra que foi vendida pelo governo do Estado.

Já perdemos nosso cacique (Ângelo Kretã).

Não é por isso que vamos esmorecer.

A devastação da floresta não foi o índio que fez.

Antigamente, o índio colhia as coisas puras.

Índio nunca acabou com caça, peixe, mel, vegetal.

Colegas Kaingang e Guarani, precisamos trabalhar unidos.

Já estamos na presilha do laço.

Temos que preparar para não ser explorados como somos. A preparação dos índios é para defesa de sua gente.

Índios esclarecidos são perseguidos e ameaçados.

Já passei por transferência, não porque matei, surrei, roubei, mas porque queria defender o que é nosso.

Multinacionais, capitalistas, Estado, Funai: é um meio de tirar o restinho que tem ainda. Matando o índio devagarzinho.

Tutelado é modo de dizer, nós somos cativos.

**Klinton Francisco Luiz dos Santos, índio Kaingang
(Mangueirinha, Paraná)**

A política indigenista vigente desconhece ou finge desconhecer todas as dimensões do modo de ser indígena. Ela afirma que o índio pode apenas usufruir de um solo que não lhe pertence, pois a terra é domínio da União. Uma tal afirmação soa absurda à mais elementar sensibilidade antropológica.

A realidade é que os interesses políticos costumam ser preponderantes à sensibilidade humana, sobretudo quando os Povos em questão são minorias que em nada parecem contribuir para o sistema desenvolvimentista e capitalista.

Para essa mentalidade lucrativa em larga escala, o índio não produz. Logo não precisa de tanta terra:

- deve ceder lugar às empresas latifundiárias;
- pode, se a essa convier, ser transferido de sua terra de origem para qualquer outro local, ou ser dispersado num golpe, contra a coesão tribal;
- as estradas podem cortar suas aldeias e destruir seus lugares sagrados;
- o índio também pode tornar-se mão-de-obra barata a serviço dos interesses capitalistas;
- e, finalmente — o que será bem mais conveniente e desejável — o índio pode e deve ser eliminado física e/ou culturalmente, para que suas terras desimpedidas possam ser exploradas pelas multinacionais e empresários do sistema dominante.

Isso vem acontecendo através de premeditado e sistemático terricídio.

É assim que:

- o Banco Mundial (Bird) financia a morte dos Nambikuara, no Vale do Guaporé, MT;
- o dilúvio da Itaipu destrói as aldeias Guaraní, no Oeste do Paraná;
- a barragem de Balbina ameaça a sobrevivência dos Waimirí/Atroarí, no norte do Amazonas.

Também os dólares do Projeto Carajás poderão levar a destruição dos Gaviões, dos Parakanã, dos Xikrín, dos Suruí, dos Urubu-Kapor, dos Guajajara, dos Guajá, dos Krikatí, dos Kaikapó, dos Asuriní e dos Apinayé pela "integração" forçada que conseqüentemente virá.

Os mecanismos terricidas são inúmeros e sutis, a ponto de o próprio Incra acobertar as invasões das terras dos Apurinã ou a Funai manter serrarias para explorar madeira na área dos Kaingang e apoiar a construção da estrada Transaraguaia, na Ilha do Bananal, atentado contra a sobrevivência física e cultural dos Karajá/Javaé.

Mas, apesar da profanação cometida contra a mãe-terra, os Povos Indígenas vão aos poucos "organizando sua esperança" e resistindo efetivamente:

- é o povo Xavante, que há 10 anos exige a mata de Volta Grande;
- são os Pataxó Hã-Hã-Hãe, de Pau Brasil, transferidos pra lá e pra cá, mas, por fim, recuperando seu território de origem;
- são os Tupinikin e os Krenak, que reencontraram suas raízes étnicas no solo natal e reconstroem sua cultura

- após longa experiência de destruição;
- é o povo Kaingang, do Toldo Chimbangue, esbulhado e reconquistado;
 - é o povo Xokó, da Ilha de São Pedro perdida e recuperada; e muitos outros Povos, que personificam hoje a auto-determinação ameríndia que sorve da TERRA a seiva da libertação.



APELO

Não podemos ser surdos às vozes indígenas que clamam para que lhes seja feita justiça.

Não podemos ser cegos à dramática realidade desses Povos sem direito à terra e, por isso, sem direito à vida.

Não podemos nos calar diante do terricídio que sucede diariamente, espoliando os pequenos em suas terras, em seus bens, em seu direito de ser gente, em seu anseio de viver.

Não podemos cruzar os braços e não temos mais tempo de parar no caminho da luta libertadora.

É hora de exigir justiça e forçar os organismos governamentais a cumprirem seu dever de garantir a todos o direito à terra, seja o solo urbano, a zona rural ou as áreas indígenas.

“Essa terra tem dono”, dizia Sepé Tiaraju.

Essa terra é dom de Deus a seu Povo e por isso é de todos.

Todos foram chamados por Deus e nela **viver** e **conviver**. E, no entanto, nos defrontamos com milhares de seres tentando duramente **sobreviver** e, na verdade, apenas conseguindo **subviver**.

O pecado sempre transforma irmãos em opressores. . . em todos os tempos e em todos os povos, desde o início da humanidade.

A Bíblia nos mostra como um povo sem chão para armar sua tenda torna-se um povo desenraizado, um povo em exílio, um povo desvitalizado.

Mas “**que todos tenham vida em abundância**” é o plano de Deus para seus filhos e nossa mais urgente tarefa de fraternidade.

A história das tribos de Israel descreve essa luta pela terra e como a lei de Deus a seu Povo se formula em termos de Reforma Agrária. A aliança de Deus exigia uma sociedade igualitária e justa e, por isso, o livro da lei prescreveu o ano sabático, ano da redistribuição da terra para todos.

A aliança de Deus com seu Povo continua a exigir de todos nós uma luta comprometida e corajosa pela demarcação das terras indígenas.

Os índios já são donos da terra porque são nascidos e criados aqui. Não foi ninguém que botou. Eles mesmos nasceram da terra.

Os outros estão roubando a nossa terra.

Nós não roubamos a terra deles.

E por esse motivo eu não me importo de ser preso nem morrer. Apenas eu quero morrer no meu direito.

Nós não tem medo de enfrentar dificuldade.

Não só o índio como muita gente que são pobres, lavradores que eles mesmos estão aí, sentindo o capitalismo tomando conta do nosso chão, matando e expulsando nossos irmãos.

Nós estamos vendo que somos empurrados aí, na beira de um abismo, sem nenhum recurso, sem nenhum futuro.

Mas eu acredito que há um futuro para nós:

É se nós nos unimos e fazemos um plano para nós.

Aí está o futuro na nossa mão.

Quando a gente fizer um plano suficiente, aí nós podemos encaminhar para pessoa interessada, que sinta nossas dores, e que não deseja ver o massacre em cima de nós.

Aí eles encaminham um plano, um plano suficiente que dê a nossa liberdade.

Mas a força tem de brotar é de nós mesmos, de nós índios.

**Lázaro Gonzaga de Souza, cacique Kirirí
(Ribeira do Pombal, Bahia)**



MATERIAL PARA A SEMANA DO ÍNDIO

- CARTAZ – TERRA É VIDA
- POSTAL – TERRA É VIDÁ (11 x 15 – redução do cartaz)
- “TERRA SIM, VIOLÊNCIA NÃO” (Texto para as escolas – 1983)
- MAPA – Índios no Brasil e presença missionária
- SLIDES*
 - 1 – “O índio, aquele que deve morrer” 81 slides
 - 2 – “O índio, aquele que deve viver” 74 slides
 - 3 – “O índio nosso irmão na fé e na esperança” (História das lutas indígenas) 78 slides

Pedidos por Reembolso Postal ao:

CIMI

Caixa Postal 11-1159

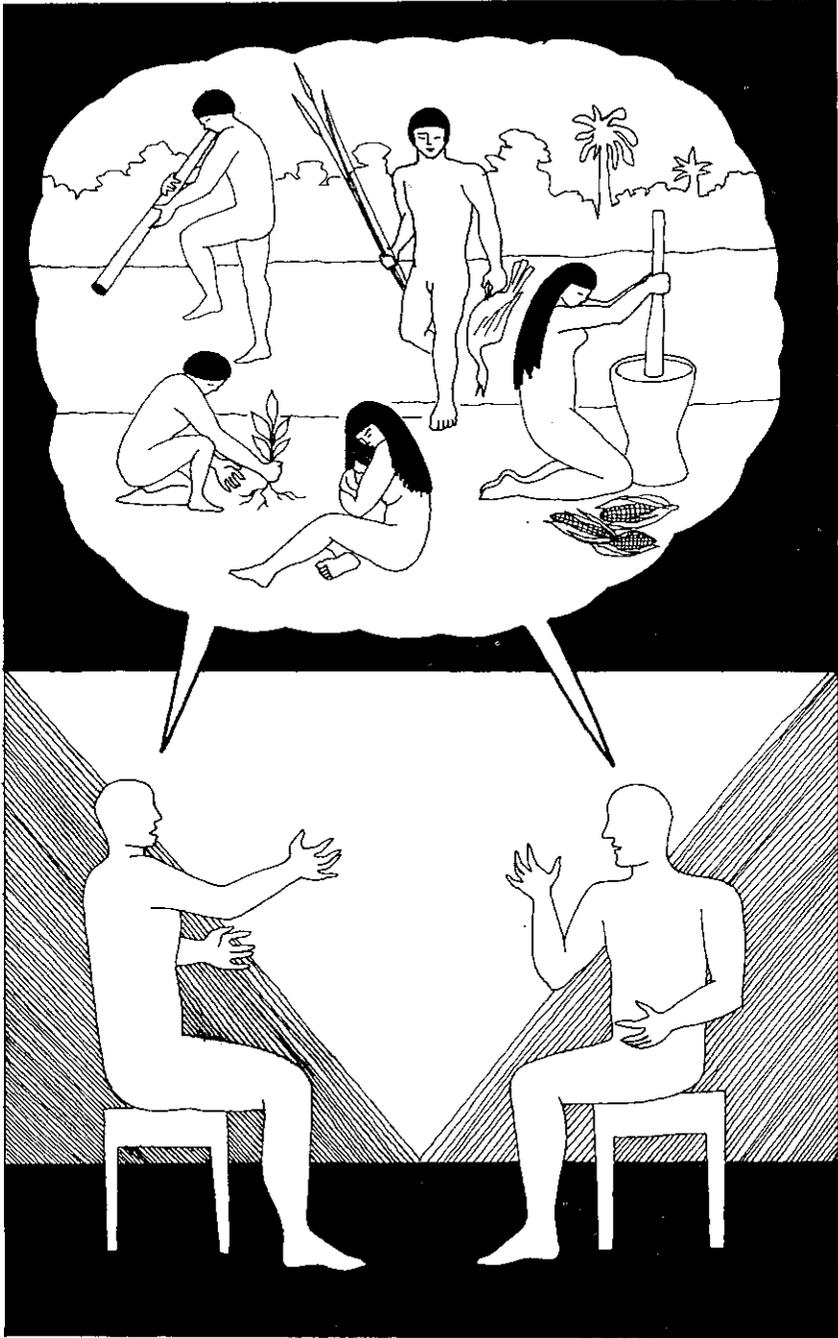
70.084 – Brasília-DF

* Os slides deverão ser pedidos ao:

CIMI NORTE II

Caixa Postal 1359

66.000 – Belém-PA



II – REUNIDOS EM TORNO DA PALAVRA DE VIDA, ACEITANDO UM DESAFIO (Temas para reuniões de grupos)

INTRODUÇÃO

1º Encontro

Para que todos tenham vida

2º Encontro

Como agir para que a vida em plenitude seja alcançada

3º Encontro

Nossa ação como cristãos

TEMAS PARA REUNIÕES NAS COMUNIDADES

INTRODUÇÃO

Durante esta Campanha da Fraternidade tivemos oportunidade de rezar e refletir muito.

Seria importante nos lembrarmos daqueles que, além de esquecidos, são também desprezados e perseguidos: **os povos indígenas.**

Pouco falamos e pouco sabemos sobre estes nossos irmãos que aqui estavam antes de nós e que, apesar de todos os esforços que os poderosos têm feito para que eles deixem de existir como POVO, continuam existindo.

São irmãos nossos, que muito têm a nos ensinar:

- no sentido de VIDA igualitária e comum;
- no que se refere à educação dos filhos;
- no sentido que dão à VIDA e à morte.

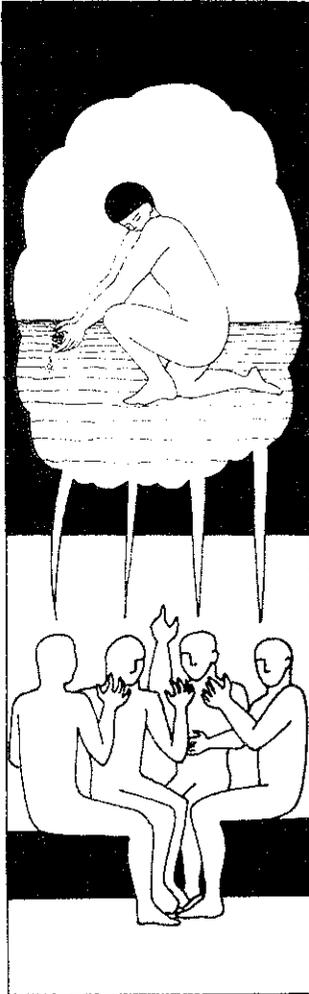
Sabemos que a cada ano e a cada dia aumenta o número dos que sofrem por causa da ganância de poucos.

Estes nossos irmãos, mais do que nós, sofrem porque vêem ameaçada a possibilidade de continuarem existindo — e isto porque lhes é tirada a base da vida, que é a TERRA.

Assim como rezamos e refletimos a situação dos operários e lavradores, vamos fazê-lo também em relação aos índios.

1º ENCONTRO

PARA QUE TODOS TENHAM VIDA



"Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em plenitude"
(Jo, 10-10)

Animador — Meus irmãos, estamos reunidos para rezar e refletir sobre a vida de nossos irmãos índios. Somos todos irmãos, mas pouco sabemos sobre eles. Vamos pedir a Deus que nos ajude a compreender e amar estes Povos. Vamos iniciar cantando:

Canto — *"Eu vim para que todos tenham vida" (ou outro).*

1º Leitor — Vamos ouvir a Palavra de Deus e refletir o que nos diz o Profeta Ezequiel. Ele nos mostra como Deus pode transformar a situação dos que confiam em seu nome (Ez 37, 1-4).

A mão do Senhor veio sobre mim e ele me conduziu para fora e me colocou no meio de um vale que estava cheio de ossos. E aí fez com que eu andasse em volta deles. Os ossos eram muitos em todo o vale e estavam bem secos. Ele me disse: "Filho do Homem, será que estes ossos viverão novamente?" Ao que respondi: "Senhor Deus, Tu o sabes". Então o Senhor falou: "Profetiza a respeito destes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra de Deus. Assim fala o Senhor: Eis que vou fazer com que vocês sejam penetrados pelo espírito e vivam. Vou cobri-los de tendões, farei com que sejam cobertos de carne e de pele. Porei em vocês o meu espírito e viverão. Então vocês saberão que sou o Senhor".

Profetizei como Ele me ordenou. O espírito penetrou neles e viveram, firmando-se sobre seus pés como uma imensa multidão.

Então ele me disse: "Filho do Homem, esses ossos representam toda a casa de Israel que está dizendo: Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está acabada. Pois bem, dize-lhe: "Assim diz o Senhor: Eis que vou abrir os túmulos e vou reconduzi-los para a terra de Israel. Eu os reporei em suas terras e saberão que eu, o Senhor, falei e vou fazer." Esta é a palavra do Senhor.

2º Leitor — Vamos refletir agora o que é VIDA para estes nossos irmãos. O trecho que vamos ler é sobre a vida dos índios Mÿky, do norte do Mato Grosso:

O Mÿky é um povo caçador. Prepara com imenso cuidado as suas flechas e retesa seu arco. Antigamente a caça era abundante! Hoje, estradas e fazendas rodeiam a reserva e a caça rareou.

(...) O índio, como ninguém, conhece a natureza. Dela tira a subsistência. Caçar é seu trabalho, é sua missão de marido e pai. Caçar é sempre um prazer, uma festa, muitas vezes um ritual.

A terra lhe oferece caça, as frutas silvestres, o pau para acender fogo, a roça de milho e de mandioca, a água clara do rio, a taquara da flecha ou da flauta, a palha de cobrir a casa, o algodão para a rede, a folha, a flor e a raiz que são remédios.

Ele é o dono desse universo, o dono que se serve

da natureza, mas não a destrói:

- dono que mata o animal, mas que não desperdiça;*
- o dono que derruba árvore, mas não devasta a floresta.*

(...) A terra é sua herança. Essa é a promessa de Deus justo.

Mas é bem outra a justiça da nossa sociedade, a realidade do poder e da ganância que retira dos povos indígenas o seu direito à terra, o seu direito de viver a mansidão, de caçar e de plantar, e não depender de patrão, de salário e de mercado de consumo...

**(Elisabeth Amarante,
As bem-aventuranças do povo M'ky)**

Animador – Os textos nos mostram o jeito de VIDA que Deus quer para nós. Vamos pensar na situação do povo hoje e ver se temos condições de viver essa vida que Deus quer.

Vamos refletir em grupinhos de dois e depois trazer nossas conclusões.

(Ficar alguns minutos nos grupinhos e novamente se reunir para que as pessoas coloquem em comum o que refletiram)

Animador – Diante da realidade que acabamos de refletir, vamos fazer nossas preces e pedir a Deus que nos ilumine.

(preces espontâneas)

Oração

Ó Deus, dai-nos clareza para descobrirmos o que devemos fazer para conseguir melhores condições de VIDA para nós e nossos irmãos índios. Por Cristo Senhor Nosso.

TODOS – Amém.

Animador – Durante esta semana, vamos ficar atentos ao rádio, televisão ou jornal, para descobrirmos algumas notícias sobre a vida do índio e seus problemas.

2º ENCONTRO

COMO AGIR PARA QUE A VIDA EM
PLENITUDE SEJA ALCANÇADA



“Quero ouvir o que o Senhor vai dizer. Certamente vai falar de Paz a nós, seu povo e seus amigos, e a todos que se converteram de coração. Nesse dia, amor e felicidade se encontrarão, justiça e paz se abraçarão.”

(Salmo 84)

Animador — Irmãos, reunidos pela fé em Jesus Cristo, vamos continuar a nossa oração e reflexão sobre a vida dos índios. Vamos pensar e rezar hoje, para que Deus nos mostre como agir para que a Vida nova, prometida por Jesus, seja alcançada para nós e para estes nossos irmãos.

Canto — *“Dizei aos cativos: Sai” (ou outro).*

Animador — Vamos refletir:
— Como fazer para que, neste mundo, tanto os brancos, como os índios e negros, tenham a VIDA que Deus quer?
(Refletir alguns minutos todos juntos)

- 1º Leitor** – Vamos ouvir o que nos diz o Evangelho sobre o que devemos fazer para termos VIDA.
(Mt 22, 35-39 e 23,13-23)

Um dos fariseus, a fim de pôr Jesus à prova, perguntou-lhe: “Mestre, qual é o grande mandamento da Lei?” Ele respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Esse é o grande mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vós mesmos não entráis, nem deixais entrar os que querem.

Ai de vós, hipócritas, que pagais o dízimo da hortalã, do endro e do cominho, mas omitis as coisas mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Importa praticar estas coisas, mas sem omitir aquelas”.

- 2º Leitor** – Vamos ouvir o que foi falado por um índio do povo Krenak. Vamos ver o que ele nos diz de sua vida e o que pretende fazer para alcançar vida, não só para si, mas também para seus irmãos:

Caríssimos irmãos, estou aqui para apresentar essa fraca figura, que vem sofrendo há muitos anos. Há 22 anos que vem sofrendo. Vou contar pra vocês a historinha do Krenak, o que vem acontecendo há 22 anos. Nós tinha muito gado, era bem organizado, nós tinha 900 cabeças de boi, 600 cabeças de carneiro, 300 cabeças de animal, tínhamos de tudo. Aí começaram a vender e foi acabando. Tiraram nós de lá e levaram para Machacalis. Não gostamos, voltamos de volta, tudo a pé, 92 dias de volta. Acampamos numa ilha. Aí chegou o Capitão Pinheiro (ex-funcionário da Funai) e disse que ia liberar outra vez a nossa sede. Começou a nossa liberação outra vez, levou-nos pra lá e começou a trabalhar plantando roça e ajuntando gado. Nós já estava começando outra vez. Tiraram nós de novo de lá e levaram para a Fazenda Guarani. Ficamos 7 anos lá, mas aí começamos a entender a lei e voltamos de novo para a nossa terra. Aí tinha destruído tudo. Queriam tirar nós de

novo de lá. Mas nós ficamos. Nossa terra lá é 1950 alqueires e nos deram 13 alqueires. Nós somos 80 pessoas. Éramos 600. Foi morrendo tudo. Nós com 250 alqueires ficava satisfeitos. Mas não quiseram dar. Aí, a gente vai lá na Delegacia em Valadares, conversa com o delegado e é assim que ele fala: "Mas pra que que índio quer terra? Índio é preguiçoso, índio não trabalha pra querer terra! Índio come peixe e caça!" Bom, antigamente índio tinha caça pra comer, tinha muito peixe. Agora, hoje em dia, como é que o índio convive, 80 pessoas dentro de 13 alqueires de terra?

Peço a todos os irmãos que não enfraqueçam, não. Consigam a batalha de frente, porque o sapo que pára, a cobra come. O sapo sempre dá mais um pulinho a frente. Nunca se pára não, porque tem 22 anos que venho sofrendo, mas agora, se Deus quiser, eu vou em frente, nem que seja pulando um metro hoje, amanhã eu pulo dois, e se Deus quiser eu chego lá. Mesmo pra deixar pra meus filhos, meus sobrinhos, meus primos, pra minha comunidade.

("Índios: Direitos Históricos" – Cadernos da Comissão Pró-Índio, III)

Animador – Diante destas leituras, o que poderíamos refletir:
– Será que é possível conseguirmos essa VIDA em nosso mundo de hoje?
– Como fazer, concretamente, para alcançarmos a VIDA que Deus quer para todos nós brancos, negros e índios?
(Refletir em grupinhos de duas pessoas e depois trazer as idéias para o grupo grande).

Animador – Todos temos fé na palavra de Jesus, que disse: "Tudo o que pedirdes a meu Pai, Ele vos dará". E ainda: Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles". Esse mesmo Deus mostra também que é de nossa ação que depende a existência do seu Reino entre os homens. É São Tiago que nos fala em sua Carta: "Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo?"

Vamos fazer nossas preces e pedir a Deus que nos dê coragem para levar em frente nossa luta por um mundo com VIDA melhor para todos.

Vamos fazer nossas preces. Cada um faz em voz alta sua oração e nós todos vamos dizer: Senhor, escutai a nossa prece!

(Preces espontâneas)

Animador – Vamos concluir nossa oração com o Salmo 138, que é um grito de socorro e ao mesmo tempo de esperança e de confiança de que, acima de tudo, está o Senhor.

TODOS – *Vem, Senhor, vem Senhor!
Vem libertar o teu povo.*

3º Leitor – “Assumo plenamente o compromisso da minha fé, Senhor. Desafiando os poderosos, é a ti que eu quero louvar. Com profundo respeito me inclino na tua presença”.

TODOS – *Vem, Senhor. . .*

3º Leitor – “Venho reafirmar a minha adesão a ti. Pois tu me provaste que o amor é tua fidelidade, cumpriste a tua palavra além de todas as exigências. Quando te invoquei, Tu me atendeste, fazendo renascer em mim a coragem de viver.”

TODOS – *Vem, Senhor. . .*

3º Leitor – “Quando me encontro no meio da angústia, Tu me fazes reviver.
Em face da agressão do meus inimigos, Tu me estendes a mão e me salvas com teu poder. Fica comigo até o fim, Senhor, pois teu amor é eterno.
Não abandones jamais a obra que começaste!

TODOS – *Vem, Senhor, vem Senhor!
Vem libertar o teu povo.*

3º ENCONTRO

NOSSA AÇÃO COMO CRISTÃOS



“Esta Campanha da Fraternidade deve ser uma reavaliação da caminhada feita até agora. Poderá nos levar a uma visão mais completa e a uma ação mais conseqüente e ordenada em defesa da VIDA”. (CF, CNBB 1984).

Animador — Meu irmãos, que Deus nos ilumine nesta hora de oração, pois novamente vamos falar da vida de nossos irmãos índios. Rezemos para que descubramos uma forma de ajudar esses irmãos ainda mais sofridos do que nós.

CANTO *Salmo 146: “Quero cantar ao Senhor” (ou outro).*

Animador — Vamos refletir: O que nós, como cristãos, podemos fazer para que esta VIDA, que Deus quer, se realize:
— em nossa comunidade?
— e para nossos irmãos índios?

Animador — Vamos refletir todos juntos, durante alguns minutos, estas duas perguntas.

Animador — Como no Antigo Testamento Deus ouviu e atendeu às súplicas e às lutas de seus filhos, também nós temos a esperança de que nos atenderá. Vamos ouvir o que nos fala o profeta Amós (Am 9,11 e 13-15).

1º Leitor — *Naquele dia levantarei a maloca arruinada do cacique. Taparei as suas frestas, levantarei as ruínas e reconstruirei como nos dias antigos.*

Eis que vêm os dias — profecia do Senhor — em que os vinhos de açaí, buriti e bacaba correrão pelos riachos e igarapés. O que planta, o que colhe e o que soca no pilão andarão juntos. Restaurarei então os meus povos ameríndios.

Reconstruirão todas as malocas devastadas e as habitarão. Andarão pela floresta, colherão seus frutos, cultivarão suas roças e se alimentarão de suas colheitas. Eu os colocarei na sua terra e não mais serão arrancados dela. Profecia do Senhor teu Deus.

2º Leitor — A palavra de Deus e a palavra de seus filhos índios nos vão ajudar a tomar resoluções corretas e concretas.

Vamos ler um trecho da fala de Marçal Tupã-y, índio Guaraní do Mato Grosso do Sul:

Meus irmãos, chegou a hora de nós levantarmos a voz pela sobrevivência de nossa gente, que antigamente foi um povo feliz, um povo despreocupado. Somos um povo que teve pátria e que não tem mais pátria.

Vivemos em terras invadidas, intrusadas. Nossas leis são feitas por pessoal lá de cima, que diz que nós temos direitos. Nós temos direito no papel, mas onde está a realidade? Tem uma cicatriz na minha vida, no meu coração, que nem o tempo nem os séculos vão apagar. Que eu estou preocupado com o meu povo. Eu estava querendo fazer verão sozinho. Como diz o ditado, uma andorinha só não faz verão. Nós sozinhos não conseguiremos fazer nada. Precisa-

mos nos unir braço a braço e levantar a voz dos nossos antepassados que foram massacrados.

Animador – Com nossa reflexão sobre a palavra do Profeta Amós e a palavra de Tupã-y, e com a graça de Deus que está em nós, vamos decidir:

– O que nossa comunidade pode fazer para que a VIDA aconteça em plenitude no meio de nossos irmãos índios?

– em nossa Diocese, Paróquia ou Comunidade existem aldeias indígenas?

– conhecemos seus problemas e suas dificuldades?

– se não conhecemos: como conhecer?

– se conhecemos: o que fazer?

Se não existem aldeias na nossa Diocese ou Paróquia:

– Como podemos melhorar as idéias que temos sobre esses nossos irmãos:

– na escola?

– na nossa família?

– na Paróquia?

– Conhecemos pessoas que trabalham diretamente com estes nossos irmãos?

Se não conhecem, podem escrever ao CIMI pedindo informações e sugestões de como poderiam concretizar as propostas de ajuda feitas pela comunidade.

Cx. Postal 11-1159 – 70084 – Brasília-DF

Tel. (061) 225-9457

Animador – Neste momento vamos rezar para que Deus nos dê forças e coragem para juntos procurarmos soluções para os nossos problemas e de nossos irmãos índios. Vamos fazer nossas preces comunitárias.

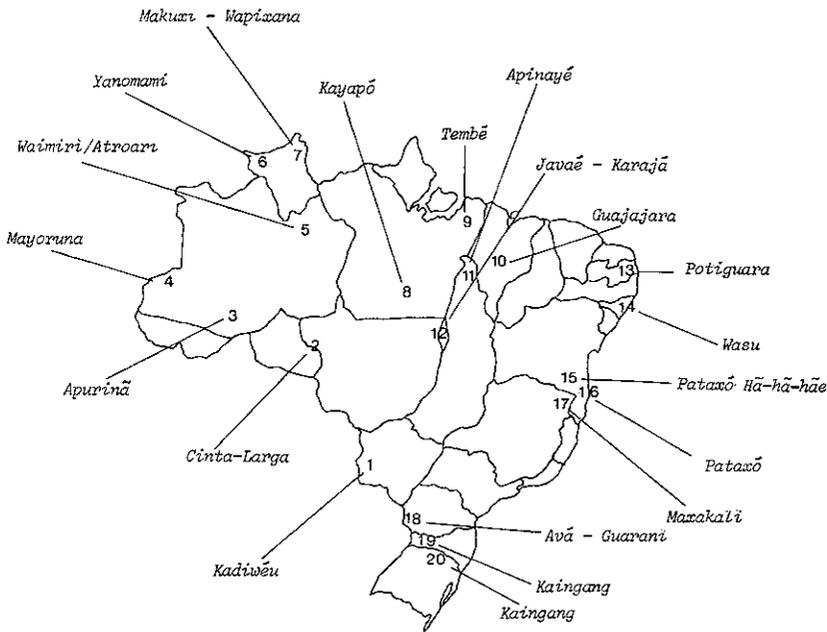
TODOS – *Senhor, ouvi as nossas preces e atendei aos nossos pedidos!*

Animador – Vamos rezar com os chefes indígenas em sua III Assembléia (maio de 78): “O nosso clamor se eleva aos quatro cantos do País. O que nos importa é a garantia de nossas terras, nossa herança e a garantia de nossas tradições culturais.”

Que Deus ouça esse clamor desses nossos irmãos índios e também os nossos, e dê forças e coragem para trabalhar para que isso aconteça. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho e nosso irmão.

TODOS – Amém.

III – ALGUNS CONFLITOS EM ÁREAS INDÍGENAS



1 – Kadiwéu – Os conflitos começaram há 14 anos, quando a Funai arrendou 90% das terras da reserva demarcada e ocupou cinco mil hectares com criação de gado. Além disso, 10 mil hectares foram invadidos por posseiros, sendo que vários deles foram mortos.

2 – Cinta-Larga – Apesar de a área já estar demarcada, há investidas de garimpeiros e agricultores.

3 – Apurinã – A Funai demarcou a área em 1977, mas excluiu uma parte do território indígena, que fora grilada em 1975 e revendida a colonos. Agora os conflitos se intensificam, pois fazendeiros da região estão “comprando” os lotes ocupados pelos colonos e planejam ocupar o restante das terras dos índios.

4 – Mayoruna – As terras desse povo estão sendo invadidas por seringueiros, que estão roubando seringa, contaminando os índios com diversas doenças e destruindo fontes de alimentação natural da reserva.

5 – Waimirí/Atroarí – O território destes dois povos – que mantêm pouco contato com a população envolvente – foi retalhado pela BR-174, invadido por mineradora e por projetos colonizadores. Outra parte da reserva será alagada pela hidrelétrica de Balbina.

6 – Yanomami – São 8.000 índios ameaçados por doenças e pela penetração do garimpo. Suas terras foram delimitadas em 1982, mas a demarcação não foi feita.

7 – Makuxí e Wapixana – Sofrem ameaças de fazendeiros que invadem suas terras e contam com o apoio da Polícia Militar da região.

8 – Kayapó – Garimpeiros estão invadindo o território desse povo. Essas invasões tendem a se intensificar com o final da extração manual do garimpo de Serra Pelada.

9 – Tembé – Suas terras estão invadidas por fazendeiros e por mais de seis mil posseiros.

10 – Guajajara – A área demarcada é insuficiente e isso gera conflitos com autoridades locais.

11 – Apinayé – Políticos de Tocantinópolis fazem campanha para colocar a população local contra os índios, visando reduzir suas terras ainda não demarcadas.

12 – Javaé e Karajá – A construção da Estrada Transaraguaia, que cortará a Ilha do Bananal, ameaça o parque indígena onde vivem.

13 – Potiguara – Área invadida por usineiros, grandes companhias e posseiros. O conflito devido à não demarcação da área tem gerado prisões de líderes indígenas e mortes.

14 – Wasú – Confrontos entre índios e população local devido à não demarcação das terras, já tendo ocorrido mortes.

15 – Pataxó Hã-Hã-Hãe – Foram expulsos do P. I. Caramuru/Paraguaçu em 1936 e o então governador da Bahia distribuiu as terras entre fazendeiros. Em 1981 os índios começaram a voltar e ocuparam a fazenda São Lucas. Em setembro de 1983 reto-

maram mais duas fazendas dentro de sua área original, mas foram expulsos. A fazenda onde vive o grupo é pequena, a terra não é fértil e não há água. Os Pataxó estão cercados por cacauicultores que lhes fazem ameaças constantes e não podem sair do confinamento onde estão.

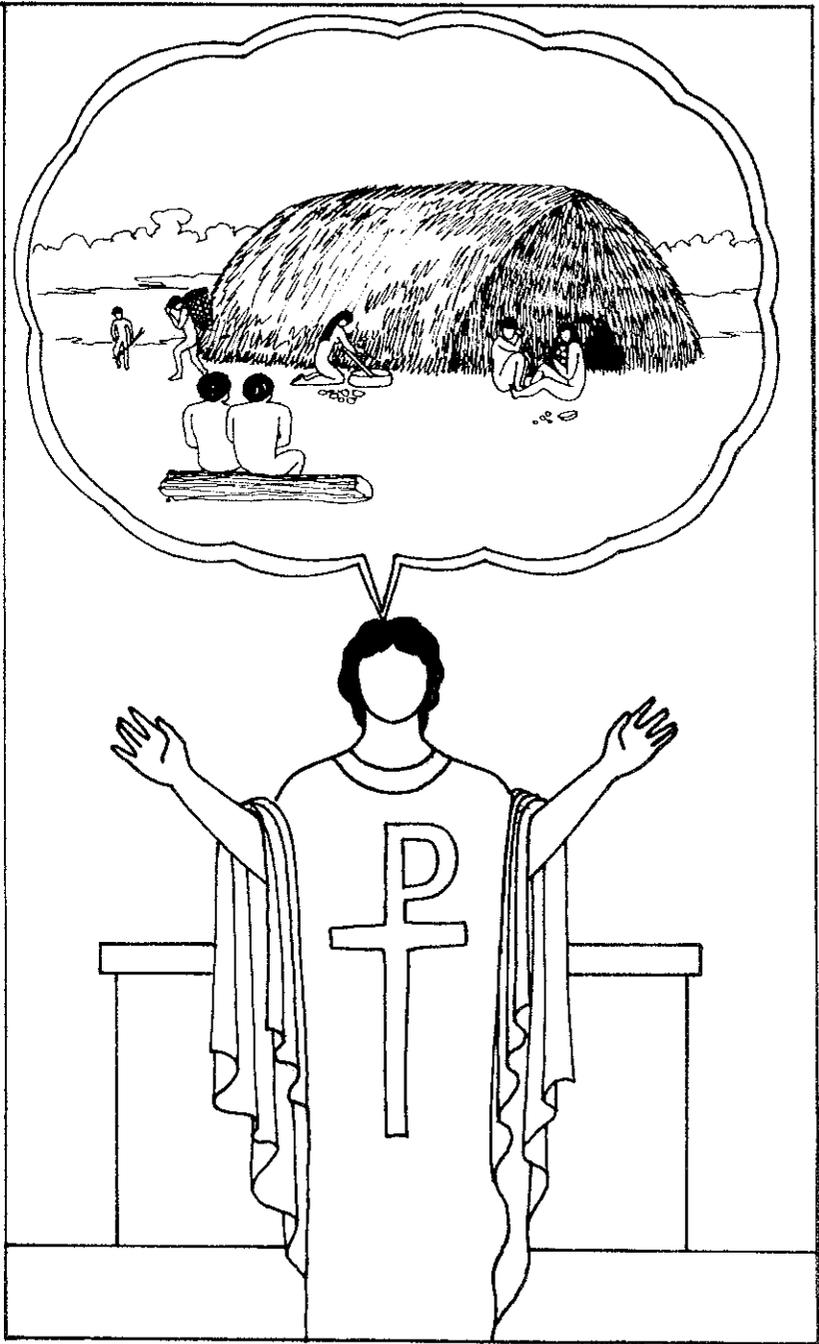
16 – Pataxó (de Barra Velha) – Não podem caçar, pescar ou plantar, pois a mata e o mangue, que sempre foram deles, estão fechados. Não podem plantar, pois a terra que restou à comunidade é árida. Por isso vivem acossados e em extrema miséria.

17 – Maxakalí – Quando as terras desse povo foram demarcadas, algumas fazendas ficaram incrustadas no meio do território indígena e isso tem gerado conflitos que causaram, inclusive, a morte de dois índios.

18 – Avá-Guaraní – Com a construção da hidrelétrica de Itaipu esse grupo foi transferido para uma área menor, dividida em lotes. Dez famílias, que se opuseram à intervenção da Funai durante a transferência, ficaram sem lotes e não têm para onde ir.

19 – Kaingang (Chimbandue) – A espoliação da terra dessa comunidade começou a ser feita em 1948. Em 1973 uma colonizadora vendeu os 105 hectares restantes dos índios. Hoje os Kaingang que vivem na área trabalham como meeiros para os pretensos proprietários da reserva e estão lutando na Justiça para reaver a posse da terra.

20 – Kaingang (Guarita) – Esta reserva foi dividida, após conflitos internos provocados pelos arrendamentos de terra. Pressões de arrendatários, de políticos e da própria Funai agudizaram a divisão interna que em junho de 1983 culminou com um saldo de cinco mortos e treze feridos.



IV – CELEBRAÇÃO DA PENITÊNCIA E DO COMPROMISSO

(Celebração Litúrgica)

ROTEIRO PARA A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA "PARA QUE TODOS TENHAM VIDA EM PLENITUDE"

Missa do 1º Domingo de Páscoa
29 de abril de 1984 – Encerramento da Semana do Índio

RITOS INICIAIS

1. Cântico de Entrada: *Somos um Povo de Gente*
2. Introdução

Coment.: Meus irmãos, invocando a força do Cristo Vivo, encerramos a Semana do Índio. Jesus vem trazer para os 220 mil índios do Brasil sua "vida em plenitude" e, para os índios, **TERRA É VIDA**. Há 10 anos que a sociedade brasileira prometeu demarcar as terras indígenas, mas nada fez, e os conflitos e expulsões aumentaram o calvário indígena. Na mesma cruz, sofrem os pequenos agricultores, os milhares de posseiros e os operários das cidades, pois a terra significa comércio e ganância. Cristo ressuscita na consciência dos povos indígenas que lutam por suas terras. Unamos nossas esperanças na certeza de que o Deus do Universo dará o dom da VIDA e da TERRA aos que nela vivem e trabalham.

3. **Ato penitencial:**

A voz do índio: "Da luta pela terra, a guerra nasceu. Meu povo sem terra morreu".

A voz da História: "Em 1680, a Ordenação Portuguesa reconheceu os indígenas do Brasil como "primeiros ocupantes e donos naturais destas terras". Em 1967, as terras indígenas se tornaram bens da União.

A voz da penitência: Por termos tornado os indígenas posseiros em suas próprias terras, pedimos perdão, Senhor!

TODOS: Senhor, perdoai nosso pecado!

A voz do índio: "Os índios já são donos da terra porque são nascidos e criados aqui. Não foi ninguém que botou. Eles mesmo nasceram na terra".

A voz da História: "Desde os primeiros dias do ano de 1500, começou para os indígenas uma história de cruel terricídio: invasões, roubos, destruição das terras indígenas".

A voz da penitência: Pelos milhares de índios mortos quando desterramos, aterramos, soterramos e enterramos a cultura indígena, pedimos perdão, Senhor!

TODOS: Senhor, perdoai nosso pecado!

A voz do índio: "Toda esta terra é sagrada para meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo".

A voz da História: Quando o branco chegou ao Brasil, havia aproximadamente cinco milhões de índios, de diversas nações; hoje restam apenas 220 mil. Nos últimos 80 anos, 87 nações indígenas foram completamente destruídas.

A voz da penitência: Por todas as estradas que cortaram, recortaram e desmataram as terras indígenas, comprimindo os índios em insuficientes terras, terminando por suprimi-los como nação, pedimos perdão, Senhor!

TODOS: Senhor, perdoai nosso pecado!

4. Oração

O Deus de Jesus Cristo, Vós que lutastes ao lado de vosso povo para a conquista da Terra Prometida, dai forças e esperanças aos Povos Indígenas para que demarquem e conservem suas terras, como um sinal de Ressurreição. Por Jesus Cristo Senhor Nosso.

LITURGIA DA PALAVRA

5. 1ª Leitura: At 5,12-16

6. Canto de Meditação: "Não tire a minha terra" (Pe. Zezinho)

7. **2ª Leitura:** Ap 1,9-11 e 12-13, 17-14

8. **Salmo de Meditação:** Salmo 43 (recitado em dois coros)

9. **Evangelho**

Coment.: Jesus nasceu, viveu, morreu e ressuscitou para nos dar vida abundante. Jesus ressuscitado anuncia o dom da paz; e, para os índios a terra é condição primordial para a paz, que inclui saúde, espaço de convivência e trabalho, marca de sua identidade, esperança de viver vida de gente, como queria Jesus.

Leitura: Jo 20, 19-31

10. **Oração dos fiéis**

Coment.: Irmãos, elevemos nossas preces ao Deus Redentor, para que possamos celebrar sua memória com uma vida fraterna e uma sociedade mais justa.

– Ao Papa, quando defende os direitos dos povos de viverem dignamente,

TODOS: Dai Perseverança e Esperança, Senhor!

– Aos Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Leigos, que resolveram escutar a voz indígena como forma de evangelização e de assumir a causa dos índios,

TODOS: Dai Perseverança e Esperança, Senhor!

– Aos povos indígenas que lutam para reencontrar, recuperar, reconquistar suas terras perdidas. . .

– Às lideranças indígenas que trabalham para salvar o futuro de suas comunidades a partir da defesa de suas terras. . .

– Às organizações populares que trabalham por uma justa reforma agrária, que possibilite aos índios, posseiros e camponeses viverem vida digna. . .

– Aos homens de boa vontade, que lutam pelo direito à terra para todos os que nela trabalham. . .

Oremos: Senhor Deus, dirigimos nossos pedidos a Vós, porque sabemos que nossa causa é a vossa causa. Dai-nos mais esperança e coragem para sentirmos em nossas vidas o dom da VIDA plena de Jesus. Por Nosso Senhor Jesus Cristo. . .

LITURGIA EUCARÍSTICA

11. **Canto do Ofertório:** *“Ofertamos ao Senhor um mundo novo” (ou outro).*

12. **Oração Eucarística sobre a Reconciliação**

(Após o abraço da paz, sugere-se que os participantes se comprometam num gesto concreto de solidariedade e apoio às comunidades indígenas: assinar ou divulgar publicações indigenistas e missionárias, participar de algum movimento de apoio à causa indígena ou divulgar o tema em seu local de trabalho ou com amigos.)

13. **Canto da Comunhão:** *“Igreja, povo a caminho”, ou “Seu nome é Jesus Cristo” (ou outro).*

14. **Oração final:**

Ó Deus dos pobres e dos humildes, que a força do Corpo e do Sangue do vosso Filho nos faça escutar a voz dos índios pedindo justiça; nos faça enxergar sua dramática realidade, protestar contra toda forma de terricídio, exigir justiça para que os povos indígenas possam caminhar para Vós com uma vida digna e plena. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

15. **Canto Final:** *“Pelas estradas da vida” (ou outro).*

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

OS SEGUINTEs LIVROS PODERÃO SER ADQUIRIDOS NO
CIMI POR REEMBOLSO POSTAL:

CIMI
Caixa Postal — 11-1159
70.084 — BRASÍLIA-DF

- | | |
|--|---------------|
| 1. AS BEM-AVENTURANÇAS DO POVO MÝKY | Cr\$ 600,00 |
| Elizabeth R. Amarante. Cimi/Vozes | |
| 2. CULTURAS INDÍGENAS E EVANGELIZAÇÃO | Cr\$ 600,00 |
| Paulo Suess. Vozes. 1981. | |
| 3. DO GRITO À CANÇÃO (POEMAS DE RESISTÊNCIA) | Cr\$ 1.000,00 |
| Paulo Suess. Paulinas. 1983. | |
| 4. ENTRE OS ÍNDIOS MŪNKŪ | Cr\$ 940,00 |
| Pe. Thomaz de Aquino Lisboa. Loyola. 1979. | |
| 5. EM DEFESA DOS POVOS INDÍGENAS (Documentos e Legislação) | Cr\$ 1.590,00 |
| Paulo Suess. Loyola. 1981. | |
| 6. EDUCAÇÃO INDÍGENA E ALFABETIZAÇÃO | Cr\$ 1.000,00 |
| Bartomeu Meliã. Loyola. 1979. | |
| 7. HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS — 500 anos de luta no Brasil | Cr\$ 1.600,00 |
| Eunice D. Paula, Luiz G. Paula, Elizabeth R. Amarante. Cimi/Vozes. 1982. | |
| 8. LEIS E REGIMENTOS DAS MISSÕES | Cr\$ 2.600,00 |
| José Oscar Beozzo. Loyola. 1983. | |
| 9. A MUDANÇA NA LINHA DE AÇÃO MISSIONÁRIA INDIGENISTA | Cr\$ 660,00 |
| Arlindo G. O. Leite. Paulinas. 1982. | |
| 10. POLÍTICA INDIGENISTA DOS PORTUGUESES NO BRASIL | Cr\$ 2.700,00 |
| Georg Thomas. Loyola. 1982. | |
| 11. PRECISAMOS UM CHÃO | Cr\$ 1.130,00 |
| Elizabeth R. Amarante e Verônica Nizzoli. Loyola. 1982. | |

12. TEXTOS INDIGENISTAS Cr\$ 2.860,00
Curt Nimuendaju. Loyola. 1982.
13. WAIMIRI/ATROARI – A História que ainda
não foi contada Cr\$ 2.000,00
José Porfírio F. de Carvalho. 1982.
14. RESISTÊNCIA WAIMIRI/ATROARI Cr\$ 200,00
Marewa – Movimento de Apoio à Resis-
tência Waimiri/Atroari. Loyola. 1983.

O **CIMI Norte II** oferece as seguintes coleções de slides:

1 – “O índio, aquele que deve morrer”, com 81 slides

2 – “O índio, aquele que deve viver”, com 74 slides

3 – “O índio, nosso irmão na fé e na esperança”

(História das lutas indígenas), com 78 slides.

Cada coleção é acompanhada por uma fita cassete, um folheto explicativo e o livrinho “Maranathá” (sobre a pastoral indígena) pelo preço de Cr\$ 15.000,00.

A compra de uma coleção dará direito a uma assinatura do jornal indígena “O Mensageiro”.

Envie seu pedido para:
CIMI Norte II
Caixa Postal 1359
66.000 – Belém-PA

ATENÇÃO: preços válidos até 30/3/84

NOSSOS MÃRTIRES, NOSSA ESPERANÇA

- 1975 – **Silvério** – índio Pirahã, morto em Humaitá (AM) pelo sertanejo Otávio.
- 1976 – **Simão** – índio Bororo, morto em Meruri (MT) por um grupo de 62 fazendeiros chefiados por João Mineiro.
- 1978 – **Raimundo** – índio Apurinã, morto em Boca do Acre (AC) pelo delegado de Polícia local, Luís Gonzaga Filho.
- 1979 – **Ângelo Xavier** – índio Pankararé, morto em Brejo do Burgo (BA) pelo pistoleiro Antônio Vieira da Silva.
- 1980 – **Ângelo Kretã** – Cacique Kaingang, morto em acidente automobilístico não esclarecido, em Mangueirinha (PR).
- **Mateus e Moacir** – índios Guajajara, mortos na fazenda Xupé (MA) pelo fazendeiro José Maria.
 - **“Paraguaio”** – índio Guaraní, morto em acidente automobilístico não esclarecido, em Mangueirinha (PR).
- 1981 – **Carlito** – índio Pataxó, morto em Barra Velha (BA) pelo branco Gilson.
- **Félix** – índio Apurinã, morto em Lábrea (AM) por um soldado da PM.
- 1982 – **Valdomiro** – índio Maxakali, morto em Bertópolis (MG) em circunstâncias não esclarecidas.
- **Joaquim** – índio Apurinã, morto em Manicoré (AM) pelo fazendeiro Armando Colares.
- 1983 – **Alcides** – índio Maxakali, morto em Bertópolis (MG) por José Rolinha, vaqueiro do fazendeiro Laurindo.
- **João Manoel** – índio Wasú, morto em Cocal (AL) pelo pistoleiro Ednaldo Pedro.
 - **Marçal** – índio Guaraní, morto em Campestre (MS), por um pistoleiro.

E cinco milhões de índios massacrados nestes quase cinco séculos de invasão do território indígena.

50